

---

## MODALIZADORES EPISTÊMICOS EM EDITORIAIS DE REVISTAS SOBRE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA

Jacqueline Wanderley Marques Dantas (UFPI)<sup>1</sup>  
*jacquelineefilhos2@hotmail.com*

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo analisar a expressão da modalidade epistêmica em editoriais de revistas sobre História, identificando as diferentes marcas epistêmicas presentes nesses gêneros e ainda como essas marcas refletem em maior ou menor grau o posicionamento do SE em relação ao conteúdo de seu enunciado. Dentre os vários tipos de modalidade, escolhemos a modalidade epistêmica por estar ligada ao conhecimento que o sujeito enunciatador possui em relação a algum assunto. Um dos principais objetivos desse trabalho é caracterizar essa modalidade de forma a mostrar como e porque os modalizadores epistêmicos são utilizados no gênero editorial e quais os efeitos de sentidos que estes operadores exprimem nos enunciados. Baseando-se ainda em importantes teóricos na área da enunciação como Cervoni (1989), Culioli (1971), Campos e Xavier (1991), entre outros, esta pesquisa pretende ainda abordar alguns conceitos teóricos sobre a modalização na linguagem. Para a realização desta análise utilizamos como corpus cinco editoriais veiculados por revistas que tratam de fatos históricos sobre a humanidade como: Aventuras na História, História em Foco e História em Curso. Por meio da organização linguística nos editoriais analisados concluímos que os sujeitos enunciatadores serviram-se da modalidade epistêmica para dar sustentação e credibilidade aos seus argumentos, uma vez que essa modalidade representa comprometimento pessoal do SE em relação à verdade da proposição.

**Palavras-chave:** Modalidade epistêmica. Editoriais. Modalização.

### 1 Introdução

Neste trabalho abordaremos a modalização epistêmica sob um enfoque enunciativo, uma vez que consideramos a língua em uso. Dessa forma, não nos deteremos em uma linha específica de análise, visto que nossa intenção é caracterizar a modalidade epistêmica de forma a mostrar como e porque os modalizadores epistêmicos são utilizados no gênero editorial e quais os efeitos de sentidos que estes operadores exprimem nos enunciados.

Em um primeiro momento nos deteremos em algumas considerações sobre o tratamento que as modalidades recebem no terreno da Lógica e da Linguística, para em seguida identificar os modalizadores epistêmicos presentes nos gêneros selecionados.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – PPGEL, pela Universidade Federal do Piauí – UFPI

## 2 Conceituando Modalidade

Os estudos sobre a modalidade implicam campos diversificados de estudo, uma vez que são inúmeras as orientações teóricas e principalmente porque se privilegia ora um ora outro tipo de modalidade.

De acordo com Cervoni (1989), a noção de modalidade implica a ideia de que uma análise semântica permite distinguir, num enunciado, um dito (conteúdo proposicional) e uma modalidade – um ponto de vista do sujeito falante sobre este conteúdo.

Seguindo uma perspectiva histórica, a análise dos enunciados em duas partes constitutivas, modalidades e conteúdo proposicional, não é nova: os gramáticos da Idade Média, já praticavam-na correntemente.

Na época clássica, a modalidade se reflete na distinção entre a forma e a matéria dos enunciados. É com base nessa premissa que o linguista Charles Bally desenvolve a sua teoria da enunciação na *Linguistique Générale et linguistique Française*, onde estuda novamente os mesmos termos utilizados na Idade Média: *modus* e *dictum*.

Cervoni (1989) assegura que o conceito de modalidade pertence tanto aos linguistas quanto aos lógicos, mas que os lógicos foram os primeiros a elaborá-lo e que ele permanece em um de seus conceitos fundamentais.

O interesse crescente dos linguistas pela análise do que se faz ao falar, vai de encontro aos estudos do importante filósofo inglês J. L. Austin, que ao promover o estudo da “performatividade” encontra inevitavelmente o da modalidade.

Mainguenau, sob uma perspectiva puramente linguística, define modalidade como “a relação que se estabelece entre o sujeito da enunciação e seu enunciado”. (1990, p. 180).

Kiefer (1987) propõe uma distinção entre as descrições lógicas e as linguísticas: a tradição lógica se concentra na descrição de proposições lógicas, e a tradição linguística enfatiza os aspectos não-proposicionais da modalidade, sendo as expressões modais nas línguas naturais utilizadas principalmente para expressar as atitudes do falante em relação aos estados de coisas.

Kiefer (1987 apud Neves 2011) com o intuito de mostrar que é possível conciliar a tradição lógica e a tradição linguística, discute três noções de modalidade, exemplificadas por Neves (2011):

- i) Expressão de possibilidade e de necessidade (alética, epistêmica/deôntica);
- ii) Expressão de atitudes proposicionais (com verbos que expressam estado cognitivo, emocional ou volitivo + oração completiva).
- iii) Expressão de atitudes do falante (qualificação cognitiva, emotiva ou volitiva que o falante faz de um estado de coisas).

De acordo com Neves (2011), a 1ª classe e a 2ª situam-se no *dictum* da tradicional dicotomia *modus/dictum*, pois se referem às proposições não ao ato de fala, ou melhor, são atitudes da pessoa a quem o sujeito da oração principal se refere. Na 3ª classe encontra-se a modalidade entendida *stricto sensu*, isto é, entendida como externa ao *dictum*.

No campo da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), proposta por Antoine Culioli (1990), a descrição da construção da categoria da modalidade prevê, na linha daquilo que se define em Charles Bally (1965 [1932]:§ 28), que a todo e qualquer enunciado corresponde um valor modal.

Para Antoine Culioli, os valores modais – que, com os valores temporais-aspectuais, confluem para a determinação de qualquer enunciado – resultam da localização da relação predicativa em relação ao SE ou a uma classe de sujeitos enunciadore. Assim, Antoine Culioli conceitua o enunciado como um agenciamento de marcadores de operações abstratas: “tout énoncé est repéré par rapport à une situation d'énonciation, qui est définie par rapport à um sujet énonciateur (S<sub>o</sub>) [...] et à um temps d'énonciation [T<sub>o</sub>] [...]” (idem, 1977: 44).

A modalidade assim corresponde ao ponto de vista do sujeito enunciadore sobre aquilo que enuncia, assumindo o conhecimento construído ou se distanciando dele, dependendo do valor modal que vai atribuir. Dessa forma, Campos e Xavier, baseando-se em Culioli, afirma;

A modalização é uma operação enunciativa da asserção em sentido lato e constrói valores modais de que a asserção estrita, positiva ou

negativa, é um dos valores possíveis, em alternativas com a interrogação, a ordem, a dúvida, etc. (CAMPOS, 1998, p. 23 – 24).

Culioli apresenta quatro tipos de modalidade: a modalidade tipo 1, com a asserção, a interrogação, a injunção; a modalidade tipo 2, marcada no domínio do provável, o plausível, o possível, o eventual; a modalidade tipo 3 ou modalidade apreciativa, que corresponde ao que se designa por factividade e a modalidade tipo 4 ou intersubjetiva, referindo-se a valores deônticos do domínio do querer da permissão, definindo uma relação entre sujeitos (CAMPOS, 2004).

### 3 Modalidade Epistêmica

Interessa-nos nesta pesquisa a modalidade epistêmica, que pode ser considerada como a categoria gramatical que marca o conhecimento que o SE possui em relação ao um dado estado de coisas construído. Nesse tipo de modalidade, os enunciados são construídos com o valor de asserção estrita positiva, de asserção estrita negativa ou de asserção nula. Dessa forma, os valores modais epistêmicos possuem diferentes graus.

Os marcadores linguísticos de expressão da modalidade epistêmica são inúmeros e vão desde um gesto até as várias manifestações entonacionais (admiração, surpresa, espanto), as marcas lexicais (verbos modais, adjetivos, advérbios) e muitas outras categorias linguísticas como modos verbais, tempo e aspecto.

Considerando, assim, o conteúdo de uma proposição modalizada epistemicamente, podemos identificar como expressão segmental os seguintes modalizadores: verbos modais, também chamados de auxiliares modais, que podem manifestar modalidade epistêmica quando expressarem as noções de possibilidade e probabilidade.

Ex<sub>1</sub>: Esse casarão **deve** ser ideal para o reumatismo de minha Tia Margherita.

Verbos de significação plena, como saber, entender, achar, acreditar, duvidar, ignorar, etc., também veiculam a modalidade epistêmica, uma vez que são indicadores de saber, crença e opinião do sujeito enunciador sobre o estado de coisas no mundo.

Ex<sub>2</sub>: **Acho** que por humilhação maior jamais passaram.

A modalidade epistêmica também pode ser revelada apenas pelo tempo verbal. Assim, os enunciados modais com situação referencial no presente ou no passado tem leitura presencialmente epistêmica.

Os advérbios modais epistêmicos, tais como **talvez, certamente, seguramente, sem dúvida, e outros** tem a função de apresentar uma asserção como mais ou menos certa. Geralmente, marcam um grau de certeza do SE sobre o conteúdo proposicional.

Ex<sub>3</sub>: **Realmente** sabemos que o tráfico de drogas não é uma coisa à toa não... eles ganham muito e é uma coisa muito arriscada.

#### 4 Analisando as Marcas Epistêmicas Presentes nos Editoriais de Revistas sobre História

Para Antoine Culioli (1971), a modalidade, ou valor modal de um enunciado, diz respeito ao resultado da localização da relação predicativa em relação ao parâmetro  $S_o$ , sujeito da enunciação. Essa operação vai particularizar, portanto, o ponto de vista do sujeito enunciator sobre aquilo que enuncia, assumindo o conhecimento construído ou se distanciando dele, dependendo do valor-modal que lhe vai atribuir.

Buscando trabalhar sob a perspectiva culioliana de que os textos são constituídos por um conjunto de valores modais e não apenas pelo valor da asserção, esta análise limitar-se-á às marcas linguísticas epistêmicas presentes nos editoriais ora selecionados.

Concebendo-se a noção de gênero como ação social (MILLER, 1984) e como tipos de ações retóricas que as pessoas desempenham em suas interações cotidianas com seus mundos, compreendemos que o gênero 'editorial', enquanto gênero opinativo de caráter persuasivo, apresenta uma grande variedade de construções indicadoras de modalidade epistêmica que deixa claro nos enunciados a atitude dos editorialistas em relação à validação ou não da relação predicativa, bem como os seus interesses quanto às tarefas da enunciação.

Para esta análise, separamos cinco editoriais, selecionados de forma aleatória e com datas entre 2009 e 2014, sendo três editoriais da revista "Aventuras na História", um da revista "História em Foco" e um da revista "História em Curso".

O teor dos editoriais é marcado pela avaliação epistêmica dos editorialistas que lançam mão de seus conhecimentos e crenças acerca dos fatos históricos e que são abordados nestas revistas com a intenção de fazer com que os leitores viajem no passado ao ler e folhear as páginas dessas revistas.

Passemos para a análise dos editoriais:

Ex<sub>1</sub>:

### Mares nunca dantes navegados?

Na reportagem que começa na pág. 28 você descobrirá que os Vikings não têm apenas a primazia da descoberta. O primeiro europeu a nascer na América era filho de um casal nórdico – o que significa que não eram só os homens que viajavam pelos mares. As mulheres os acompanhavam. **Talvez** mais curioso que saber que eles chegaram é entender as razões pelas quais abandonaram o Novo Mundo. Mas é melhor deixar que você mesmo descubra isso.

[...] Desde as pirâmides do Egito, a humanidade sabe que sua arte mais longeva é a arquitetura. **Parece** que as construções duram para sempre (e algumas delas estão aí, desde a Antiguidade, para provar isso).

No Brasil, um país jovem e sem tradição, quem parecia que iria durar para sempre não era a arquitetura, mas seu profissional mais famoso, Oscar Niemeyer. É difícil, por vezes arriscado, classificar alguém como gênio. Niemeyer foi um (...)

Patrícia Hargreaves  
Revista Aventuras na História  
Ed. 114, Jan/2013.

O exemplo acima faz parte do editorial que tem como título “Mares nunca dantes navegados?”, publicado na revista Aventuras na História, que ilustra na sua capa a manchete: NÃO FOI COLOMBO: a saga dos vikings, os verdadeiros descobridores da América.

No enunciado: ‘*Talvez* mais curioso que saber que eles chegaram é entender as razões pelas quais abandonaram o Novo Mundo’, o advérbio *talvez* corresponde a uma marca epistêmica adverbial, pertencendo à subclasse dos quase-asseverativos (CASTILHO e CASTILHO, 1992), por estabelecer no enunciado um certo distanciamento ou pouca transparência do SE em relação ao enunciado. Assim, quando utilizado pelo SE em seu discurso, este modalizador adverbial revela um baixo grau de

adesão em relação ao conteúdo de seu enunciado, não se comprometendo o enunciador com o valor de verdade do que é dito, apresentando seu enunciado como algo que ele crê ser possível ou impossível, provável ou improvável.

A exemplo de (1), observamos que o SE, ao avaliar o conteúdo proposicional do seu enunciado, procede de forma a considerá-lo uma possibilidade epistêmica, aproximando-se o operador modal talvez do valor representado pelo verbo modal achar que atua dentro do domínio da incerteza epistêmica.

A seguir, no enunciado: '*Parece* que as construções duram para sempre (e algumas delas estão aí, desde a Antiguidade, para provar isso)', temos o modalizador epistêmico '*parece*' expressando uma tentativa do sujeito enunciador de diminuir sua responsabilidade sobre o que é dito.

De acordo com Neves (2011, p. 169), os modalizadores se caracterizam, nas diversas línguas, por uma multiplicidade de formas, de sentidos e empregos, sem que haja relações unívocas entre essas três dimensões. Assim, a probabilidade, nos seus diferentes graus, pode ser estabelecida em português por formas muito diferentes:

- **É provável** que a imaginação me tenha iludido;
- **Parece** que a imaginação me iludiu;
- A imaginação **parece** ter-me iludido;
- A imaginação **deve** ter-me iludido;
- A imaginação **pode** ter-me iludido;
- A imaginação me **terá** iludido;
- **Provavelmente** a imaginação me iludiu;
- Eu **acho** que a imaginação me iludiu.

Dessa forma, no enunciado '*Parece* que as construções (...)', o modalizador epistêmico (parece)... contribui para que o SE avalie o estado de coisas descrito em seu enunciado, servindo para conduzir argumentativamente o enunciado aos seus propósitos e opiniões, direcionando-o ainda para a eficiência de sua atuação linguística.

Ex<sub>2</sub>

O herói discreto

Um dos desafios dos profissionais de AVENTURAS NA HISTÓRIA é tratar de temas contemporâneos. Fatos importantes **podem parecer** sem foco diante de nossos olhos.

A capa desta edição trouxe uma dificuldade semelhante. Decidimos falar da vida do primeiro homem a pôr os pés fora da Terra. A corrida espacial e a conquista da Lua **talvez** tenham sido o melhor efeito colateral da Guerra Fria.

Patrícia Hargreaves  
Aventuras na História  
Ed. 126, Jan/2014

O editorial acima ilustra a revista Aventuras da História que apresenta como manchete principal de capa o seguinte: Neil Armstrong: o herói americano.

No enunciado "Fatos importantes *podem parecer* sem foco diante de nossos olhos", a inferência é construída com os marcadores de valor modal epistêmico poder e parecer, construindo um "valor mediativo de acesso ao saber por inferência, correspondendo a um valor epistêmico de asserção fraca assumido pelo enunciador". (CAMPOS, 2001, p. 337),

Neste enunciado há basicamente um valor modal epistêmico para poder: o de não exclusão. Para esse valor, podemos utilizar, entre outras, as expressões 'é possível que' e 'não está excluído que'.

No enunciado acima podemos construir a glosa "é possível que fatos importantes estejam sem foco diante de nossos olhos". Assim, em termos metalinguísticos, diremos que o  $S_0$  revela não ter conhecimento de fatos (indícios) que possam excluir a validação da relação predicativa.

Neste enunciado, portanto, o jogo da modalização epistêmica movimenta-se no campo da não-certeza (imprecisão), onde o SE apoia a não certeza, a imprecisão na aparência (relativização, justificada pelo não conhecimento ou desconhecimento).

Segundo Neves (2011, p. 164) "a modalização epistêmica (que basicamente envolve uma atitude do falante) necessariamente se relaciona com a fonte do conhecimento, com a qual o falante pode não estar comprometido".

No mesmo editorial acima destacamos o operador modal *talvez* que atua dentro do domínio da incerteza epistêmica.

O SE ao avaliar o conteúdo de seu enunciado "a corrida espacial e a conquista da lua *talvez* tenham sido o melhor..." procede de forma a considera-la uma

possibilidade epistêmica. O uso desse tipo de modalidade deixa transparecer a pouca credibilidade confiada ao enunciado pelo SE.

Ex<sub>3</sub>:

Bonnie e Clyde do sertão

O repórter Rodrigo Cavalcante ouviu parentes, estudiosos e pesquisadores para entender de que forma Maria Bonita mudou as regras de convivência e ação dos cangaceiros. E ela, **de fato**, marca um ponto de inflexão entre os bandidos.

Depois que ficou lado a lado com Lampião, a violência do bando arrefeceu. Estupros, uma prática comum, foram **praticamente** banidos, por exemplo...

Patrícia Hargreaves  
Aventuras na História  
Ed. 118, Maio/2013.

O recorte de editorial acima ilustra a revista Aventuras na História, que tem como manchete: Casal 20 do Cangaço: como Maria Bonita fez Lampião mudar a vida dos bandoleiros que aterrorizavam o Nordeste.

O enunciado: “E ela, *de fato*, marca um ponto de inflexão entre os bandidos”, nos leva a compreender o marcador **de fato** com valor epistêmico, pois marca o grau de certeza do SE sobre o conteúdo proposicional.

Como podemos inferir do exemplo acima, o caráter modalizador da expressão adverbial ‘de fato’ manifesta, como efeito de sentido, um valor enfático atribuído pelo SE ao seu enunciado.

Podemos observar que o SE inicia a sua fala assegurando que Maria Bonita teve uma grande importância para a boa convivência no cangaço.

O mesmo ocorre com o marcador ‘realmente’ que poderia substituir ‘de fato’ no exemplo dado: “E ela, *realmente*, marca um ponto de inflexão entre os bandidos”.

No enunciado “Estupros, uma prática comum, foram **praticamente** banidos”, o SE considera os estupros como uma das formas de violência praticadas pelos cangaceiros e usa o advérbio delimitador ‘praticamente’ para marcar ou direcionar sobre qual ponto de vista ele quer argumentar, ou seja, dentre as várias formas de

violência praticadas pelos cangaceiros, são os estupros em especial, o que ele quer delimitar, definindo assim os limites em seu discurso sobre o qual deseja opinar.

Castilho & Castilho (1992) propõem uma tipologia para as marcas epistêmicas adverbiais, dividindo-as em 3 subclasses:

- i) Os asseverativos que, de acordo com os autores, são acionados pelo SE quando esse quer expressar sua adesão ao conteúdo de seu enunciado que considera verdadeiro e não deixa margem para dúvidas.
- ii) Os quase-asseverativos, que o SE emprega quando considera o conteúdo de seu enunciado como quase certo, próximo à verdade, mas por depender de uma confirmação o SE não se responsabiliza pelo dito, no que concerne a sua verdade ou falsidade.
- iii) Os delimitadores, uma subclasse que não apresenta uma avaliação do SE sobre o valor de verdade de seu enunciado, nem seu comprometimento com o dito. Na verdade estabelece os limites dentro dos quais se devem encarar o conteúdo do enunciado.

Ex<sub>4</sub>:

Não conta pra ninguém...

(...) Bom, certo dia, o tio Jé nos ensinou a fazer um pacto de sangue, furou o dedo das duas com uma agulha, esperou que a gota de sangue saísse e nos orientou a juntá-los. Estava selado o pacto. Nunca mais esqueci esse momento. Já o segredo, hoje não tenho a mínima ideia do que era. **Com certeza**, era coisa de criança, mas você já ficou curioso, não?

Confesso que, antes dessa revista, nunca me interessei pelas Sociedades Secretas. Mas foi só começar a pesquisa e as entrevistas para ficar curiosa. Conversando com maçons, por exemplo, tive uma descoberta surpreendente: pessoas preocupadas com os rumos da humanidade e, principalmente, ávidas por conhecimento. Não conta pra ninguém, mas eu **achei** muito legal, **acho** que até me identifiquei: não pelo segredo ou pelos rituais, mas pela "fome de conhecimento": minha família brinca que eu tenho "mania de faculdade" (por ter feito jornalismo, história, metade da faculdade de música, mestrado e pela intenção de continuar perambulando pelo mundo acadêmico).

Melanie Retz e equipe  
 História em foco  
 Ano 1, nº 1-2009

O exemplo acima foi publicado na revista *História em Foco*, tendo como manchete de capa: *Sociedades Secretas: a radiografia da maçonaria*.

Neste editorial, Melanie Retz, a editorialista, pretende informar os leitores sobre a reportagem principal da revista, procurando induzi-los à leitura da mesma.

No enunciado: “Com certeza, era coisa de criança, mas você já ficou curioso, não?” a marca modalizadora da locução adverbial ‘com certeza’ manifesta, com efeito de sentido, um valor enfático atribuído pelo SE ao seu enunciado.

A locução adverbial ‘com certeza’ é utilizada epistemicamente como simples crença ou certeza do SE sobre o que está enunciando, de maneira a considerar o fato expresso em seu conteúdo como verdade.

Em (4), o SE mostra que o conteúdo proposicional é tido como uma verdade, comprometendo-se com a ideia de que segredo é coisa de criança. Mais na frente ela acrescenta: “aqui na equipe, não sou só eu que tenho os tais segredos da infância”.

Nessa ocorrência, o SE poderia utilizar-se de outras marcas adverbiais asseverativas equivalentes. Vejamos a seguinte paráfrase:

(4a) “**sem dúvida / realmente / certamente** era coisa de criança, mas você já ficou curiosa, não”?

Segundo Neves (2000), o uso de advérbios asseverativos não garante que o conteúdo do que se diz seja verdadeiro ou não-verdadeiro, ou possível. “O que esses advérbios indicam é que o falante quer marcar seu enunciado como digno de crédito”.

Os marcadores linguísticos de expressão da modalidade epistêmica são numerosos e diversificados, compreendendo desde um gesto até as várias manifestações entonacionais (a admiração, surpresa, espanto), as marcas lexicais (verbos modais, adjetivos, advérbios) além de outras categorias linguísticas como modos verbais, tempo e aspecto.

Entre esses verbos modais cabe destacar aqui o verbo modal epistêmico de crença/opinião: ‘achar’, que ao lado de outros como pensar e acreditar, pertencem ao domínio cognitivo do SE que, presente, no uso da língua, como elementos

modalizadores, possuem valores aplicados ao domínio da possibilidade, ou seja, do não certo.

Os valores epistêmicos que podem ser atribuídos ao operador modal *achar* são inúmeros, sendo os mais frequentes aqueles que se aproximam dos modais *pensar* ou *acreditar* que, situados dentro do mesmo continuum intermediário entre os pólos positivo e negativo, são atributivos, de acordo com a intencionalidade do SE de um grau de certeza ou não, em relação ao conteúdo proposicional.

Ex: O que você pensa sobre o racismo?

(...)... **acho** que racismo é você excluir um certo tipo de (...)

Nesse exemplo, o operador '*achar*' apresenta um valor epistêmico que é atribuído pelo SE ao domínio do quase-certo, com o intuito do sujeito enunciador não se responsabilizar totalmente pelas informações contidas em seu discurso.

Voltando para o exemplo 4, destacamos o operador modal '*achar*' nos seguintes enunciados: "Não conta pra ninguém, mas eu **achei** muito legal, **acho** que até me identifiquei..."

Nesta ocorrência, o modal '*achar*' não indica em relação ao conteúdo proposicional, uma atitude de dúvida, um grau de incerteza do SE que não se compromete com a verdade de seu enunciado mas sim uma apreciação de valor ou percepção do SE para com o conteúdo da relação predicativa.

Ex<sub>5</sub>:

#### Fala que a Gente Escuta

Caro leitor,

Existem momentos em que **tenho a impressão** de que a última vez em que assinei este espaço foi ontem. Mas quando folheio a revista essa ilusão vai embora: foram 11 edições longe da rotina diária de AVENTURAS NA HISTÓRIA. Tempo o bastante para que um bom trabalho editorial fosse conduzido. AH está mais moderna no jeito de tratar os assuntos, mais ágil, com um visual arrojado. E vai continuar assim. A ideia é essa.

Continuamos com a busca eterna por uma revista melhor, mais bem escrita, mais bem apurada, na qual quem manda é você. Por isso, não se intimide. Mantenha

contato. Diga lá o que quer ver nas capas de AH. Quem, quando, como. Estamos aqui para escutar. Eu e a editora Mariana Caetano (mariana.caetano@abril.com.br), que a partir do próximo número assinará esta carta. Fique à vontade!

Patrícia Hargreaves

Aventuras na História

Ed. 105, abril/105

A expressão 'tenho a impressão' em: "Existem momentos em que tenho a impressão de que a última vez em que assinei este espaço foi ontem", representa um elemento marcador de modalidade epistêmica. Os substantivos modalizadores podem ocorrer como núcleo de locuções adverbiais ou na posição de objeto do verbo suporte, como no exemplo acima, funcionando como uma expressão da não-certeza e propiciando o escamoteamento da fonte do conhecimento, ou da falta de conhecimento do falante.

Segundo Neves (2011), a avaliação epistêmica se situa em algum ponto do continuum que, a partir de um limite preciso, onde se encontra o (absolutamente) certo, se estende pelos indefinidos graus do possível.

Nesta ocorrência, a editorialista Patrícia Hargreaves ao relatar no editorial "...tenho a impressão"..., na verdade ela quer demonstrar a sua incerteza ou dúvidas de que realmente tenha passado muito tempo (11 meses) afastada da edição da revista, chegando por momentos a achar que nunca estivera ausente deste espaço.

Na verdade, quando a editorialista utiliza-se dessa expressão da não-certeza, ela pretende ganhar a credibilidade e a aceitação dos leitores da revista Aventuras da História.

Nesse enunciado o SE apresenta um discurso com marca da não-certeza (tenho a **impressão**), seguido de um enunciado que implica conhecimento por parte desse mesmo sujeito enunciadore: "mas quando folheio a revista essa ilusão vai embora: foram 11 edições longe da rotina diária de AVENTURAS NA HISTÓRIA".

Para Kerbrat-Orecchioni (1977), quando o sujeito confessa suas dúvidas e incertezas, ele está na verdade ganhando credibilidade perante seus coenunciadores.

## 5 Considerações Finais

Este trabalho não tem pretensão de fazer uma descrição definitiva dos valores modais epistêmicos e nem de generalizar esses valores no artigo editorial, uma vez que analisamos poucos exemplares do gênero. Na verdade, as conclusões servem apenas como indícios para enriquecer o debate e apontar algumas perspectivas para o estudo articulado entre a argumentação e modalidade.

Dentre os vários tipos de modalidade, escolhemos a modalidade epistêmica por estar ligada ao conhecimento que o sujeito enunciador possui em relação a algum assunto. Nesse sentido, a modalidade epistêmica é responsável, de acordo com Campos (1997), por veicular o conhecimento que o sujeito enunciador constrói em seus enunciados com valor de asserção estrita positiva, de asserção estrita negativa ou de asserção nula. Essas modalidades são dependentes do grau de conhecimento do grau de conhecimento que o sujeito enunciador tem em relação ao conhecimento construído.

Com relação ao valor modal epistêmico, verificamos que os diferentes graus das asserções, muitas vezes, só podem ser percebidos, dentro do movimento argumentativo traçado pelo enunciador e, este muitas vezes usa como estratégia argumentativa a contraposição dos diferentes graus da modalidade epistêmica.

### Referências

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. Enunciação mediatizada e operações cognitivas. In A. S. (org). **Linguagem e Cognição: a perspectiva da linguística**, Braga: APL/UCP, 2001. p. 325 – 340.

CARVALHO, Ivo Sodré de. **Marcas de modalidade epistêmica em textos opinativos orais**. [manuscritos] 2008. Dissertação (Mestrado). Pós-graduação em Letras-UFPI, 2009.

LIMA, M. A. F. **O ensino de gramática em uma perspectiva enunciativa**. In: **Reflexões linguísticas e literárias aplicadas ao ensino**. LIMA, M. A. F; COSTA, C. de S.M.S. da C. e FILHO, F. A. (orgs). Teresina: EDUFPI, 2010.

NEVES, J. dos S. B. **Corre voz, corre boato: construção do mediativo na gazeta de Lisboa do século XIX (1808 a 1820)**.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. 1 ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVES, M. H. de M. **A modalidade**. In: Gramática do Português falado. KOCH. I. G. V. (org.). Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp/FAPESP, 1996.

\_\_\_\_\_. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

REVISTA INTERTEXTO. **Modalidade e estratégias argumentativas em artigos de opinião no Brasil e em Portugal**. ISSN: 1981-0601, V. 5, n. 2. (2012).

REVISTA AVENTURAS NA HISTÓRIA. **Não foi Colombo**: a saga dos vikings, os verdadeiros descobridores da América. Ed.114. jan/2013.

\_\_\_\_\_. **Neil Armstrong**: o herói americano. Ed. 126. Jan/2014.

REVISTA HISTÓRIA EM CURSO. Ano II, nº 05.

REVISTA HISTÓRIA EM FOCO. Ano 1, nº 1-2009, Ed. Alto Astral.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Contribuições dos estudos de gêneros do discurso para os estudos da Língua. In: DI FANTI, Mª da Glória e BARBISAN, Leci Borges. **Enunciação e discurso**: tramas de sentidos. São Paulo: Contexto, 2012.

VALENTIM, Helena. **Modos gramaticais e modalidades**: algumas particularidades do Português Europeu. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Centro de Linguística da Universidade Nova.